

A ARTE DA PIROGRAVURA Nas Mãos de Fernando Rodrigues



pág. 4 e 5

Casa Climério

Uma História de Resiliência



pág. 2 e 3

Armadeiras de Procissões

Religiosidade e Riqueza Histórica



pág. 6 e 7

'Caminhos, Ruas e Lugares'

Conheça a Rua da Junqueira



pág. 8

Casa Climério

Pichelaria e Eletricidade

Uma Decana História de Resiliência no Coração da Junqueira



Há negócios tradicionais que sobrevivem à evolução dos tempos e das cidades. Na Rua da Junqueira, a principal artéria comercial da Póvoa de Varzim, temos o exemplo da Casa Climério, especializada nas áreas de pichelaria e eletricidade. Fundada nos anos 50 do século passado por Climério da Costa Araújo, é

hoje gerida por Diamantino Lomba e pelo filho Cláudio, que assim dão continuidade à decana história de resiliência deste conhecido estabelecimento comercial.

Diamantino Lomba tem 77 anos e permanece como sócio-gerente da Casa Climério, empresa a quem dedicou mais de 60 anos da sua vida: “Quando acabei a 4ª classe fui logo trabalhar. Primeiro, para o falecido Guerra Gomes. Dois anos depois, para o falecido Arménio. Com 15 anos vim trabalhar para a Casa Climério, que se dedicava à pichelaria, eletricidade e funilaria. Quando aqui cheguei havia cinco ‘oficiais’ (mestres picheiros e/ou eletricitas) e cada um tinha o seu ‘rapaz’ (ajudante/moço de recados). O meu oficial queria que andasse a picheiro e acabei por abraçar a mesma arte (pichelaria) que já era do meu pai”.

Vasculhando o baú das memórias, Diamantino Lomba não esquece o primeiro ordenado que recebeu: “No Guerra Gomes o meu primeiro ordenado era de cinco coroas por dia. Cheguei a casa todo contente e disse: ‘Mãe está aqui o dinheiro’. Naquela altura entregava-se todo o ordenado aos pais, mas a minha mãe dava-me algum ao domingo para as minhas extravagâncias”.

Pese embora todo o seu profissionalismo e dedicação, o trajeto profissional de Diamantino Lomba na Casa Climério chegou a sofrer um hiato de um ano, por desavenças com o patrão, pouco antes de ir cumprir serviço militar, durante 26 meses, na Guerra do Ultramar, em Moçambique. “O Sr. Climério tinha um temperamento por vezes difícil. Nunca mais me esquece, no dia de S. Pedro tivemos uma gran-

de zanga e acabei por ir trabalhar para o Carlos Flores, junto à Igreja da Lapa, em frente à ronca. Estive lá um ano certinho. No entanto, durante esse período, à hora do almoço, vinha conversar com o filho do Sr. Climério, o ‘Manel’, com quem me dava muito bem, até que um dia o pai insistiu que voltasse. Pagava-me mais que o Flores e acabei por regressar”, conta à nossa reportagem.

Desde a sua instalação na Rua da Junqueira, a par dos serviços de pichelaria e eletricidade, a Casa Climério também funcionava como funilaria e oferecia serviços de soldadura. “Antigamente soldávamos quase tudo, desde regadores, fundos de panela ou bacos de esmalte furados, onde se aplicava um pedaço de folha de soldar. A miséria também era muita naquela época e com um pouco de solda tudo se remediava. Lembro-me que durante o dia trabalhávamos nas obras e ao final do dia fazíamos estes consertos. Para tudo havia sempre um desenrasque. São tempos impossíveis de esquecer e que guardo com saudade na memória...”, recorda o nosso entrevistado.

Decorria o ano de 1980 quando Diamantino Lomba decidiu assumir, junto com um sócio, a gerência da Casa Climério, mas volvidos três anos a sociedade terminou e acabou por tomar sozinho conta da empresa. “Nesse período o Sr. Climério sempre me acompanhou. Mesmo passando a quota, vinha para aqui e dava-me sempre bons conselhos. Foi uma pessoa exemplar e ajudou-me imenso”.

E acrescenta: “Cheguei a ter alguns funcionários, mas a substituição do metal pelo plástico e a crise que se instalou no país levaram à saída dos funcionários que trabalhavam comigo. Atualmente, é o meu filho quem está à frente desta casa e eu venho aqui dar uma ajuda. Trabalhamos, essencialmente, com pichelaria e canalização. Sempre que é preciso algum serviço de eletricitista, temos uma pessoa que faz esse trabalho”.

Diamantino Lomba é casado há 52 anos, tem três filhos, mas só o filho Cláudio seguiu a arte do pai. Da juventude recorda com saudade os tempos em que jogou futebol e futebol de salão, onde sempre se destacou pela camaradagem e espírito combativo, predicados que transportou para a sua vida profissional. Ao longo da vida cultivou amizades que perduram até aos dias de hoje. E se antigamente a pichelaria era uma profissão que pouco cativava a juventude, atualmente é uma arte paga a



‘peso de ouro’, tal é a procura que existe por estes profissionais.

“Antigamente, quando era rapaz, ganhava-se pouco. Trabalhar a trolha dava mais dinheiro, mas como o meu pai era picheiro, acabei por seguir a profissão dele. Hoje em dia existe muita falta de picheiros, porque não há quem queira aprender. A pichelaria e a canalização também estão muito diferentes, utilizam-se outros tipos de materiais, como o plástico, e é preciso adaptarmo-nos às mudanças que existem nesta área”.

Apesar de a idade já não lhe permitir ‘meter as mãos na massa’, nem por isso Diamantino Lomba deixa de ajudar o filho a gerir a Casa Climério: “Estou cá

todos os dias. É a minha rotina diária. Não consigo imaginar a minha vida fora daqui. São muitos anos de dedicação a esta casa. Hoje, fico na parte de escritório, mas sinto saudades de trabalhar na minha arte e de ir à casa das pessoas. No escritório é uma prisão, mas tenho a visita de muitos amigos que aqui passam e ficam a conversar comigo”.

A Casa Climério está localizada na principal artéria comercial da Póvoa de Varzim – Rua da Junqueira – e tem conseguido resistir à especulação imobiliária e à nova lei do arrendamento que já levaram ao encerramento de várias lojas antigas e de cariz mais tradicional. “Este estabelecimento é propriedade de uma família de Barcelos e temos conseguido suportar uma renda que nos permite manter este negócio, ao contrário de muitas casas antigas que acabaram por fechar portas”.

Diamantino Lomba acrescenta: “A Junqueira continua a ser a principal rua de comércio, mas já não é o que era. A Póvoa está a crescer para outros lados e as pessoas acabam por dispersar. Muitos dos meus vizinhos fecharam portas, como a Casa Serra, também ligada à área de pichelaria, o Pimpão, entre outras casas que já se foram. É sempre triste quando negócios tradicionais acabam por desaparecer”.

Num olhar sob o futuro, conclui: “Só desejo ter saúde e que a Casa Climério perdure, de portas abertas, para receber os nossos clientes. É este o legado que deixo ao longo de seis décadas de dedicação a esta casa...”.

Arte do Fogo em Madeira

A Mestria de Fernando Rodrigues na Pirogravura



Na dura labuta dos dias, em que o trabalho é o ganha-pão de uma vida, há sempre um lugar para a arte e para a criatividade. É o caso de Fernando Pires Rodrigues que, na beleza dos seus 75 anos de idade, ainda hoje dedica muitas horas dos seus dias a criar objetos decorativos em pirogravura, no seu pequeno e improvisado atelier. Para trás fica uma vida difícil de trabalho árduo, mas que nunca calou o artista que habita em si...

Nasceu em Vila do Conde, numa família numerosa de 22 irmãos. Com tantas bocas para comer, com sete anos de idade foi trabalhar, junto com os irmãos, na construção civil. “Já nessa altura, na minha tenra idade, gostava de desenhar com carvão e com um lápis que, às vezes, lá me conseguiam arranjar. Também aproveitava o gesso das obras para fazer uns bonequinhos. Penso que nasci com este dom de criar, que a vida me ajudou a aflorar”.

Fernando Rodrigues trabalhou na construção civil até ir cumprir o serviço militar: “Na tropa aproveitei para fazer a 4ª classe e tive a felicidade de encontrar um capitão que estudou em Belas-Artes. Ele sabia que eu gostava de desenhar e muitas

vezes aparecia na caserna para ver alguns dos meus desenhos em carvão. Ensinou-me algumas técnicas e depois até já desenhava com ele e outros oficiais”.

Cumprido o serviço militar, Fernando Rodrigues foi em busca de uma vida melhor e emigrou para a França, onde continuou a trabalhar na construção civil. Na cidade de Nancy, visitou museus, galerias, e aproveitou o tempo livre para se juntar a muitos outros artistas a pintar paisagens, a aguarela e a óleo. Há duas décadas regressou a Portugal e trabalhou como motorista, primeiro na fábrica de chocolates ‘Imperial’ e, mais tarde, no Grande Colégio da Póvoa de Varzim, onde tem instalado o seu atelier e ainda hoje entretém as crianças ao vestir a pele de Pai Natal.

Na sua incursão pelo mundo das artes, Fernando Rodrigues descobriu a pirogravura, uma

técnica de decoração em madeira que utiliza um equipamento com ponta aquecida para criar desenhos e imagens. É uma forma de arte antiga, que provém do grego ‘pyro’ (fogo), utilizada por diversas culturas ao longo da história.

“Tudo começou por brincadeira. Quando ia tomar café, deixava um pouco na chávena, juntava açúcar e mexia para ganhar consistência, e depois fazia desenhos com a colher numa toalha de papel. Mais tarde consegui os equipamentos necessários, entre os quais o pirogravador para trabalhar na madeira, e dediquei-me à arte. Atualmente tenho um pequeno atelier nas instalações do Grande Colégio, num espaço gentilmente cedido pelo eng.º Rui Maia, também ele um grande admirador dos meus trabalhos em pirogravura”, conta Fernando Rodrigues.

O artesão oferece asas à criatividade e das suas mãos nascem trabalhos em pirogravura de inquestionável qualidade, desde emblemas de clubes, imagens de santos, relógios, imagens de jogadores de futebol, entre tantos outros, que posteriormente comercializa em feiras de artesanato, sem esquecer os trabalhos que faz por encomenda.

Fernando Rodrigues explica todo o processo criativo: “Adquiro a madeira e



faço o desenho pretendido a lápis. Depois recorto a madeira com um serrote de ourives ou com um tico-tico, uso o pirogravador no desenho para gravar e finalizo com um verniz. É um processo teoricamente simples, mas que exige técnica e minúcia”.

A par da pirogravura, o artesão gosta de enveredar por outras artes, de que são exemplo os originais presépios que produz para esta época natalícia. “Tenho presépios feitos a partir de nozes, castanhas, cabaças e cascas de maracujá. As imagens são criadas com gesso, muitas de tamanho bastante reduzido, para poderem caber dentro de uma noz ou de uma castanha. Depois são pintadas e coladas com todo o cuidado para completar o presépio. É um trabalho que também me dá imenso prazer e que causa um forte impacto em quem vê. Tudo é feito de forma manual”.

Ao lado de um grande homem, existe sempre uma grande mulher. E Fernando Rodrigues tem na sua esposa, Maria Viana, a companheira de uma vida, até no que concerne às manualidades: “Ela tem muito bom gosto e imenso jeito para criar objetos decorativos, principalmente com as conchas do mar. E acompanha-me sem-

pre nas feiras de artesanato em que participamos. É a melhor relações-públicas que podia ter, pela simpatia e capacidade para mostrar os nossos trabalhos a quem nos visita”.

Depois da pintura, dos trabalhos em gesso e da pirogravura, o que se segue?

“Apesar da idade, não me faltam ideias, mas a pirogravura é uma arte que me preenche neste momento. Já estou reformado, mas passo horas a fio neste improvisado atelier, a criar, a inventar e a me reinventar. Sou um homem feliz”, conclui Fernando Rodrigues.



As 'Armadeiras' das Procissões da Póvoa de Varzim

Manancial de Trabalho, Conhecimento e Arte

As procissões religiosas da Póvoa de Varzim são de uma enorme importância para a vida da nossa comunidade, particularmente junto da classe piscatória, muito unida na fé e devoção. Dotadas de uma singular qualidade artística e riqueza histórica, os quadros bíblicos que constituem os cortejos religiosos são autênticas obras (vivas) de arte, que refletem séculos de vivências e tradições litúrgicas.

Todas as procissões são da responsabilidade da paróquia. No entanto, os encargos com a organização, divulgação e angariação de fundos das festividades recaem, mais especificamente, sobre uma irmandade, confraria ou comissão de festas. E são estas entidades que contratam os serviços da

'armadeira', que se encarrega não apenas do guarda-roupa dos figurados, mas também de todo o 'programa' da procissão.

Sabe-se que, no primeiro terço do século XX, existiam na Póvoa de Varzim várias pessoas que 'armavam anjos para as procissões', como Alcina e Emília Marques, Virgílio Marques, Maria Flores, Amélia Rosa Vieira Maio e Elvira Maio, entre outros/as 'armadores/armadeiras', inclusive contratados à cidade vizinha de Vila do Conde.

No período áureo de meados do século passado coexistiram duas famílias de 'armadeiras', que dividiam entre si o encargo das procissões na cidade e freguesias da Póvoa de Varzim. Falamos da 'Casa dos Anjos', propriedade de Amélia Rosa Vieira Maio e, mais

tarde, da sua neta, Maria Amélia Ferreira, e da 'Casa Confiança', sob a direção de Maria da Assunção Azevedo Martins da Costa.

Estas duas 'casas' destacavam-se pela erudição e religiosidade dos seus elementos, de enorme rigor catequético e histórico, e pela qualidade de execução dos trajés e organização dos cortejos. A fama dos seus trabalhos era de tal ordem que também prepararam e vestiram cortejos em muitas outras terras do norte do país.

Em 1982, a 'Casa Confiança' encerrou a sua atividade de 'armadeira', permanecendo em atividade a 'Casa dos Anjos' que, atualmente, divide a organização das procissões que se realizam na Póvoa de Varzim com a 'armadeira' Paula Cunha Silva.

Elisa Novais e a Centenária 'Casa dos Anjos'

Estávamos no ano de 1988 quando Maria Amélia Ferreira, proprietária da 'Casa dos Anjos', passa o testemunho a Elisa Novais, na altura uma estudante universitária de medicina, que a auxiliava nos cortejos. Desde então e até aos dias de hoje, Maria Elisa Novais tem procurado honrar, através do seu conhecimento, dedicação e arte, a herança centenária da 'Casa dos Anjos'.

Atualmente com 64 anos de idade, a reputada 'enfeitadeira' de procissões religiosas, recorda como tudo começou: "Até aos meus 18 anos participava nas procissões, como figurado, e já nessa altura admirava as vestes, os cortes e os adornos, feitos pelas antigas 'enfeitadeiras', que iam ao encontro do tempo de Cristo. Entretanto, fui estudar Medicina no Porto, mas cedo cheguei à conclusão que não era a área com a qual me identificava, embora essa fosse a vontade dos meus pais. Sempre tive paixão por moda, design e costura, mas assumir, naquela época, perante os meus pais, que queria ser estilista, era algo impensável".

Quando Elisa Novais soube que Maria Amélia Ferreira ia encerrar a 'Casa dos Anjos', tomou uma das resoluções

mais importantes da sua vida. "No meu ínfimo, era impensável a Póvoa de Varzim ficar sem as suas procissões ou virem 'armadeiras' de fora sem conhecimento da nossa realidade e respeito pelas tradições e riquezas históricas. O meu pai pertencia a uma confraria e transmiti a minha vontade em ficar com a 'Casa dos Anjos'. Fui alimentando essa ideia até assistir à última procissão organizada pela D. Maria Amélia, a Procissão do Senhor Morto. E se ainda restavam algumas dúvidas, elas se dissiparam no final da procissão, de tal forma que nesse momento decidi assumir a honra e a responsabilidade de ficar com a 'Casa dos Anjos', até aos dias de hoje".

Para Elisa Novais, ser 'enfeitadeira' de procissões é mais que uma profissão, "é uma missão", que abraça nas mãos com que trabalha e na fé que sempre a acompanha. E de entre as mais de duas dezenas de procissões que organiza, anualmente, na Póvoa de Varzim, elege o Enterro do Senhor/



Senhor Morto, a Senhora da Assunção e a Senhora das Dores, como as de maior importância religiosa e comunitária.

"Organizar uma procissão é um processo minucioso que requer um estudo prévio, nomeadamente para a elaboração do programa da procissão, que conta uma história, através de quadros bíblicos. No fundo, é uma lição de catequese ao vivo. Quando assumi a 'Casa dos Anjos', a D. Maria Amélia vendeu-me os programas e acompanhou-me durante o primeiro ano, mas para aprofundar os meus conhecimentos, tive que estudar. A bíblia passou a ser o meu livro de cabeceira, mas também con-



sultei bíblias ilustradas e pesquisei sobre painéis e pinturas. Sempre procurei elevar

Paula Silva – 'Armadeira' de Cortejos Religiosos

Muitas das procissões que se realizam no concelho da Póvoa de Varzim também têm o cunho de Paula Cunha Silva. Aos 57 anos de idade, dedicou os últimos 23 a ser 'armadeira' de cortejos religiosos.

"Desde pequena que ia nas procissões e também ajudava a D. Amélia, da 'Casa dos Anjos', na preparação dos cortejos. Aos 18 anos, eu e a minha irmã tivemos a oportunidade de ficar com a 'Casa dos Anjos', mas nessa altura ainda não sabia muito bem o que pretendia para o meu futuro. Fui estudar e depois trabalhei uma década na área da livraria/papelaria. Entretanto, a Fernanda Moura, filha da Marieta Moura, que tinha ficado com o passe desta casa, que pertencia à Joaquina do Cano e à irmã Glória, pediu-me ajuda na organização das procissões. Mais tarde, propôs-me ficar à frente desta atividade, numa altura em que tinha aberto uma imobiliária. Ainda recusei, mas de tanto insistir, acabei por



as procissões da Póvoa de Varzim e sinto que consegui, fruto de muito amor e espírito de missão", sublinha.

E se antigamente era fácil reunir anjinhos e figurados para integrar as procissões, hoje a realidade é bem diferente, reconhece: "Durante muitos anos, as confrarias não tinham quaisquer despesas. Eram as gentes da classe piscatória quem assumiam financeiramente as procissões, fruto da sua fé e devoção, como um apelo por proteção divina no mar. Hoje, como as gerações mais jovens já não têm essa ligação à pesca, são os avós que vêm cá inscrever os netos. E para compor as procissões, muitas vezes tenho que recorrer à minha lista de contatos".

ter as duas atividades em paralelo. O tempo passou a ser escasso para a família e tomei a decisão de encerrar a imobiliária e ficar apenas com a atividade de 'armadeira', até hoje", conta Paula Silva.

Atualmente, com o apoio e a preciosa ajuda de um sobrinho, Paula Silva organiza cerca de 15 procissões por ano, na cidade e freguesias da Póvoa de Varzim. "Para além do saber e dos conhecimentos que me foram transmitidos, gosto de assistir às procissões organizadas por outras 'armadeiras', de onde também recolho inspiração para as minhas próprias criações. É uma aprendizagem contínua", sublinha.

Alcançar a simbiose perfeita entre a criatividade e o respeito pela tradição religiosa é o cunho pessoal que caracteriza o trabalho de Paula Silva: "A partir do momento em que a confraria encomenda a procissão, tudo é da nossa responsabilidade. Um mês antes há uma reunião preparatória, em que elaboramos o programa e definimos quais os quadros religiosos a representar, e depois há todo um trabalho de tirar medidas, adaptar vestidos e escolher os acessórios. Cada procissão tem um tema e especificidades muito próprias, que cumprimos à risca, mas há sempre espaço para a criatividade, inovando no tipo de tecidos, na beleza das cores. E no dia do cortejo estou à porta da igreja a proceder aos últimos ajustes e a organizar todos os grupos para que tudo decorra na perfeição e conforme o programa delineado".

Elaborado o programa da procissão e tendo em sua posse a lista final de figurados, começa a azáfama de tirar medidas e proceder aos arranjos e ajustes necessários nas vestes. E no dia da procissão, à porta da igreja, Elisa Novais procede aos últimos retoques e organiza os grupos de acordo com o programa estabelecido.

A 'Casa dos Anjos' tem um espólio de milhares de vestidos, mas nem por isso Elisa Novais perde a oportunidade de comprar novos tecidos para dar corpo às suas criações. "A palavra 'reforma' não existe no meu vocabulário. Gosto imenso do que faço, com a mesma paixão e dedicação do primeiro dia", conclui.



Encontrar figurados para compor as procissões tornou-se uma preocupação para as 'armadeiras', reconhece Paula Silva: "Ainda sou do tempo em que se pagava para ir nas procissões e o valor variava em função da importância da figura que representávamos. Agora não se paga, a menos que seja para cumprir alguma promessa. Felizmente, fruto do trabalho desenvolvido com a juventude, conseguimos ter muitos jovens nas nossas procissões. Só assim, imbuindo as crianças neste espírito de fé e de missão, transmitindo os nossos usos, costumes e tradições, conseguimos assegurar o futuro".

O atelier de Paula Silva tem um número bastante considerável de vestidos e adereços, muitos fruto da sua criação. "Procuro inovar no tipo de tecidos, na escolha das cores, sendo fiel à tradição e à religiosidade. Adoro o que faço e a família também ajuda. A minha mãe, na beleza dos seus 80 anos, ainda hoje vai fazendo uns pequenos arranjos e aplicações. Ser 'armadeira' tornou-se uma missão na minha vida".

“Caminhos, Ruas e Lugares”

O Topónimo da Rua da Junqueira



Na rúbrica desta edição calcorreamos a Rua da Junqueira, a icónica artéria comercial da Póvoa de Varzim. Com cerca de 310 metros de comprimento, entre a Praça da República e o Largo Dr. David Alves, ao longo dos tempos foi o epicentro do desenvolvimento empresarial e turístico do tecido urbano poveiro.

O topónimo *Junqueira* deriva do juncal que existia na zona, proveniente dos ribeiros que ali desaguavam no mar. Era um lugar frequentemente alagado, sobretudo no inverno, por ocasião das intensas chuvas e das marés-cheias, e os juncos que cresciam espontaneamente e vicejavam no extenso aluvião acabaram por levar o povo a dar o nome (Junqueira) ao lugar. Desse tempo ainda hoje é visível a velha ponte que foi construída entre o Casino e o Grande Hotel.

Data de 1694 a referência mais antiga que conhecemos da Rua da Junqueira, a artéria que liga o antigo Largo de S. Roque (atual Praça da República) ao antigo Largo do Rego (atual Largo Dr. David Alves). Até 1860 tanto se chamava Rua da Junqueira como Rua Nova da Junqueira, mas ao longo dos tempos adotou outras denominações, como Rua Nova de S. Roque ou Rua Nova de S. Roque da Junqueira.

Foi zona de comércio de peixe, depois praça de visitas da cidade, onde fervilhava a burguesia emergente, e se passaram a abrir lojas ao longo de toda a artéria. Marcadamente comercial, era na Rua da Junqueira onde, outrora, a população nortenha aproveitava para fazer compras e por onde passava para ir a banhos nas praias. Uma publicação de 1873 referia: *“Povoação extensa, está atulhada de banhistas. É, de pouco tempo, uma completa invasão: a moda na província. De manhã, praia; de tarde, passeio no Paredão, ou ver as pescarias; depois, o delírio do jogo. No coração da vila, onde se acham hotéis, os três botequins, e as três casas públicas de jogo, difícil é o trânsito à tardinha e à noite. De agosto a outubro concorrem aqui vinte e duas mil pessoas”*.

O estado lastimoso do pavimento, principalmente quando chovia, a grande afluência de gente, nomeadamente de banhistas à cidade, e o trânsito caótico, levaram a Câmara Municipal a determinar, em 27 de fevereiro de 1882, que se procedesse ao alargamento da Rua da Junqueira. Apesar de estreita, por lá circulou o ‘carro americano’ (transporte ligeiro coletivo de passageiros (percursor do elétrico), que se movia sobre carris, mas por tração animal), desde os finais do século XIX à primeira

década do século XX, no seu trajeto desde a Praça do Almada até à Praia de Banhos.

Em 02 de julho de 1912 foi dado à Rua da Junqueira o nome de Rua 5 de Outubro, por forma a homenagear a data da implantação da República em Portugal, mas por proposta da Comissão de Toponímia, aprovada em sessão camarária de 19 de Janeiro de 1966, a artéria voltou à sua antiga e tradicional designação de Rua da Junqueira.

Em 1955, por decisão do então Presidente da Câmara, Capitão António José da Mota, a Rua da Junqueira deixa de ter circulação automóvel, passando a ser, provavelmente, se não a primeira, uma das mais antigas ruas pedonais do país. Para esse propósito, foi remodelado todo o pavimento da rua, construindo-se novos passeios ao nível do restante piso, ladrilhados com pequenas pedras de calcário e basalto, dispostas em desenhos geométricos, tendo sido vedado o trânsito de veículos de qualquer espécie.

Na Rua da Junqueira viveram eminentes figuras da sociedade poveira. No n.º 1 nasceu Viriato Barbosa, investigador em estudos poveiros. No n.º 3 nasceu Leonardo Coimbra, ilustre médico e protetor das crianças. No n.º 5 faleceu António dos Santos Graça, reputado etnógrafo, escritor e jornalista. E no n.º 14 viveu e faleceu o jornalista e historiador Cândido Landolt.

Fruto da evolução dos tempos e da especulação imobiliária, muitos negócios tradicionais/familiares acabaram por fechar portas, mas a Rua da Junqueira permanece, ainda nos dias de hoje, como a mais icónica artéria turístico-comercial da Póvoa de Varzim.

